



POLÍTICAS SOCIAIS E ASSISTÊNCIA SOCIAL:

o Programa Projovem do CRAS Paulo Corrêa e o uso das toadas
na afirmação da identidade cabocla

Adelson da Costa Fernando¹

Marcos Lima²

RESUMO: O processo da globalização vem acelerando esta ruptura da juventude com sua raiz cabocligena. Este trabalho empenha-se abordar de modo não aprofundado aspectos como identidade cabocla e toada. A toada será neste sentido a norteadora, frente ao processo de valorização da identidade cabocla junto a comunidade infanto-juvenil do CRAS Paulo Corrêa, com o intuito de promover a eliminação de formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade e à discussão das diferenças; e também na busca da garantia do pluralismo, através do respeito à cultura cabocla.

Palavras-chave: Política Social, CRAS, Toadas

ABSTRACT: The process of globalization has accelerated this break youth with its root cabocligena. This paper strives to address such issues as identity not thorough and cabocla tune. The tune will be the guiding this direction, opposite the valuation process of identity with the community cabocla juvenile of CRAS Paulo Correa, in order to promote the elimination of forms of prejudice, encouraging respect for diversity and a discussion of differences; and also in the pursuit of ensuring pluralism, by respecting the culture cabocla.

Key words: Social Policy, CRAS, Tunes

¹ Mestre. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: coordenador.fbn@hotmail.com

² Estudante. Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: marcoslimaufam@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

Nos municípios foram criados centros de gestão e ação para a proteção básica da família; esses serviços, programas, projetos e benefícios são ofertados pelos Centros de Referência de Assistência Social/ CRAS, que se constituem como Unidades Públicas Estatais responsáveis pela oferta de serviços continuados de proteção social básica de assistência social às famílias e indivíduos em situação de vulnerabilidade social; os serviços ofertados pelos centros são socioassistenciais e socioeducativo. Dentro das diretrizes do CRAS funciona o Projovem Adolescente, o qual representa uma das quatro modalidades do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem) que atende exclusivamente a faixa etária de 15 a 17 anos; é um serviço socioeducativo que integra as ações de Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Possui como objetivos: Complementar a proteção social básica à família, criando mecanismos para garantir a convivência familiar e comunitária e criar condições para a inserção, reinserção e permanência do jovem no sistema educacional.

2 O Programa PROJOVEM do CRAS Paulo Corrêa: as toadas na construção da identidade cabocla dos usuários

O processo da globalização vem acelerando esta ruptura da juventude com sua raiz cabocligena. Este trabalho empenha-se abordar de modo não aprofundado aspectos como identidade cabocla e toada, pois, este compreende apenas umas das etapas da pesquisa sobre a temática em questão que está sendo desenvolvida. A toada será neste sentido a norteadora, frente ao processo de valorização da identidade cabocla junto a comunidade infanto-juvenil do CRAS Paulo Corrêa, com o intuito de promover a eliminação de formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade e à discussão das diferenças; e também na busca da garantia do pluralismo, através do respeito à cultura cabocla.

Faz parte da equipe interdisciplinar o assistente social, de modo que o serviço social, como área profissional que está diretamente assentada na relação entre Estado e os setores subalternizados, torna-se um mediador transitando no campo das políticas sociais e assistenciais como um regulador do Estado na vida social. É nessas arenas que localizamos uma das atribuições dos assistentes sociais, ou seja, selecionar os usuários dos serviços



socioassistenciais para incluir ou excluir em programas sociais. Neste sentido, “(...) o assistente social transita entre dois mundos complementares: o universo dos dominantes e dos dominados numa posição muitas vezes ambígua na medida em que se situa num campo de interesses contrapostos” (YAZBEK, 2009, p.33)

Frente a isto, pode-se afirmar que as políticas sociais são estratégias do Estado para enfrentar os conflitos sociais decorrentes da classe trabalhadora, visto que o processo de exploração da mão de obra faz acordar ou não os sujeitos para um momento de reflexão e mobilização na luta por garantia dos direitos, em especial aqueles de cunho social. É com o advento da CF/88 que se passa a entender as políticas sociais como uma política que visa assegurar a população o exercício de cidadania bem como os direitos sociais ratificados no seu artigo 6, da seguinte forma: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção a maternidade e a infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 2010, p.5).

Assim, os serviços de proteção básica devem ser executados prioritariamente nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e em outras unidades básicas e públicas de assistência social. Tendo em vista a complexidade da condição juvenil e ainda os índices de situações de vulnerabilidade social, o governo federal implementou um programa de transferência de renda e benefícios sociais, destinados às famílias que se encontram em estado de vulnerabilidade social. Neste contexto é criado o CRAS – Centro de Referência de Assistência Social - que propõe ações de intervenção social por meio de programas socioeducativos, buscando estimular e sensibilizar jovens e adolescentes para os desafios da realidade social, cultural, ambiental e política de seu meio social, dessa forma valorizando a pluralidade e singularidade da condição juvenil, tendo em vista que as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudanças constantes, rápidas e permanentes. Esta é a principal distinção entre as sociedades “tradicionais” e as “modernas” (Hall, 2002, p.14).

Em Parintins-Am, o núcleo CRAS/Paulo Corrêa desenvolve o Programa socioeducativo Projovem adolescente, atendendo jovens e adolescentes. Este programa possui dez coletivos (turmas), usando como metodologia de trabalho seis módulos que englobam temas como: juventude e direitos humanos, juventude e cultura, juventude e meio ambiente, juventude e saúde, juventude esporte e lazer, juventude e trabalho; tem como objetivo a inserção dos jovens e adolescentes no mundo do trabalho. O Projovem Adolescente é um Serviço Socioeducativo de Proteção Social Básico, implantado na Política



Social – PNAS e no Sistema Único de Assistência Social - SUAS, vinculado ao Centro de Referência de Assistência Social – CRAS. Sua principal diretriz é complementar a proteção social à família, a partir do apoio direto aos adolescentes de famílias beneficiadas do Programa Bolsa Família e vinculados ou egressos de programas e serviços de Proteção Social Especial.

Assim, segundo o Caderno de Orientação Social (BRASIL, 2008, p.10), o Projovem Adolescente apresenta um espaço de convivência social voltado ao desenvolvimento de potencialidades dos jovens e aquisições para atuação crítica e pró-ativa no seu meio social e no mundo do trabalho. Norteia-se para o incentivo à permanência do jovem na escola, o fortalecimento de seus vínculos familiares e comunitários, a ampliação do acesso às políticas públicas, o fortalecimento de sua autonomia e o estímulo ao seu protagonismo social. O CRAS Paulo Corrêa, articulando-se com estes objetivos, utiliza a toada do boi bumbá de Parintins durante o ano todo. Todas as oficinas estão atreladas com as temáticas abordadas. Pois, o boi-bumbá é uma forte expressão da cultura popular amazônica que apresenta cenas do dia-a-dia. É a toada que norteia o folclore caboclo da Amazônia; assim, a toada conduz a juventude nas oficinas de dança e nesse ritmo marcante os adolescentes cantam, aprendem os novos passos, ensaiam as coreografias e chegam até fazer apresentações em outras instituições. Essa é uma das oficinas que tem bastante participação e nela são executadas as toadas dos dois bois (Caprichoso e Garantido); este Centro funciona com usuários distribuídos entre homens e mulheres que se alternam pela manhã e a tarde; eles são enquadrados em várias oficinas como: esportes, bordados, pinturas, artesanato, violão e danças. O Projovem Adolescente do CRAS Paulo Corrêa da parte da manhã vem ser o público alvo desta pesquisa, pois o mesmo, em sua oficina de dança, utiliza como ferramenta todos os gêneros musicais e principalmente a toada de boi-bumbá de Parintins. A valorização deste ritmo caboclo por esses jovens revela a intimidade que o amazônida possui com sua cultura. Este trabalho estuda as possíveis contribuições da toada do boi bumbá de Parintins nas atividades sócio-educativas no CRAS/ Paulo Corrêa, como elemento de reconhecimento da identidade cabocla do Parintinense, de modo que essa invenção cabocla projetou Parintins para o cenário mundial, e é através da toada de boi bumbá que o município de Parintins escreve sua história, decanta suas peculiaridades, revela seus encantos e aquece a economia local.

Com a influência desvelada da toada sob o inconsciente popular, questiona-se neste trabalho a relevância da toada como mecanismo de valorização da identidade cabocla ou esta por sua vez acaba se revelando como um catalisador do acultramento infanto-



juvenil; ela apresenta, por muitas vezes no desenvolvimento do festival folclórico, o universo do caboclo espetacularizado de forma pejorativa, caricaturado, usando uns trapos de roupas. Vale ressaltar que o universo indígena também é apresentado no festival de forma superficial. As composições versam sobre temas que se referem à região Amazônica, como a paisagem, o homem rural, o homem da floresta, onde são destacados os rios, a mata, a fauna e a flora, o caboclo, homem mestiço que historicamente contribuiu para a formação da sociedade regional, junto com a morena bela, que tem como qualidades a sensualidade, graça e beleza femininas. As toadas também fazem referência a grupos indígenas da Amazônia e, em alguns casos, a grupos indígenas do Brasil central; à mitologia regional, com seus demônios expressos na figura do Anhangá, o Mapinguari e encantado, personificados no boto, Yara, entre outros; e aos personagens que tradicionalmente são apresentados pelos Bois-Bumbás no festival, ou seja, o Amo do boi, Sinhazinha da fazenda, Pai Francisco e Mãe Catirina, Pajé e o próprio boi. Estes temas são recorrentes na criação dos compositores, normalmente referindo-se a Amazônia e sua gente, aos personagens tradicionais da encenação da venda da língua do boi e outras figuras que não constavam na versão tradicional da festa, como a Cunhã-poranga, porta estandarte, rainha do folclore ou criaturas fantásticas, entre outros.

Na Amazônia o ser caboclo é por muitas vezes visto de forma pejorativa, como antiquado, velho e decadente. A juventude amazônica tende a negar suas raízes caboclas e ameríndias (CABOCLIGENA). Todo esse processo se agrava, movido em nossos dias pela força prodigiosa da indústria cultural que, através do rádio, do cinema, da televisão e de inúmeros outros meios de comunicação cultural, ameaça tornar ainda mais obsoleta a cultura brasileira tradicional para nos impor a massa de bens culturais e respectivas condutas que dominam o mundo inteiro (RIBEIRO, 2006. p.239, 240).

A Amazônia está dividida basicamente entre duas populações: a urbana e a rural. Na sua grande maioria, as famílias dos jovens usuários do CRAS Paulo Corrêa pertencem aos bairros periféricos da cidade de Parintins que são resultados do êxodo rural, refração da questão social, que se encontra crescente nos últimos anos em Parintins. Assim, essas famílias possuem prioridades, pois, o público que constitui o Projovem Adolescente - Serviço Socioeducativo, destina-se aos jovens enquadrados dentro de determinadas situações.

Desse modo, “no dois pra lá dois pra cá” do ritmo envolvente das toadas de boi-bumbá de Parintins, o CRAS Paulo Corrêa executa as diretrizes do programa Projovem Adolescente, fortalecendo as políticas sociais e o Terceiro Setor. O programa tem como



meta a autonomia dos usuários através das políticas públicas; assim, as toadas do boi-bumbá contribuem de forma significativa para o andamento do Projovem Adolescente e o engajamento nas oficinas dos jovens caboclos.

3 A expressão da identidade do caboclo nas toadas: as representações dos usuários do PROJOVEM

O CRAS Paulo Corrêa incorporou a toada como recurso pedagógico como diagnosticado nas falas dos funcionários entrevistados. Quando questionados quanto a contribuição da toada para as aulas de dança:

Contribui com os movimentos corporais facilitando também o conhecimento das toadas. É uma forma de não evasão para os currais (Rose, Coordenadora); Além das magníficas coreografias se aprendem através das letras a nossa cultura (Aninha, Assistente Social); Os adolescentes que participam da dança podem expressar seus sentimentos e assim valorizando a cultura amazônica (Flor, orientadora social); Além de expressar e contar um pouco da história do cotidiano indígena e caboclo ajuda a valorizar a cima de tudo a nossa cultura (Rafinha, facilitador de oficina de dança).

Todos os funcionários entrevistados avaliam de forma positiva a participação da toada no CRAS, e a reconhecem como fator de valorização e identificação da cultura local; ela contribui no processo de criação de coreografias, e ainda se configurando como estratégia contra a evasão dos alunos. Visto que é muito comum em Parintins, os jovens se dispersam na época dos ensaios e demais eventos culturais ligados ao calendário anual das agremiações folclóricas.

Na visão dos usuários entrevistados, a toada é considerada como facilitador do contato com a dança, com o canto, com a postura, enfim, a toada proporciona o entendimento da história, o dia-a-dia do caboclo e a divulgação da Amazônia para o mundo:

Bom, me levou a me aproximar mais da dança é uma coisa que me apaixonou (Barby); Tudo, porque me apaixono pela letra para depois eu dançar com a alma a força que a letra da toada me inspira (Patty); Conhecer os povos, as crenças, os costumes daquela época (Leia); É a toada combina com a postura do dançarino (Binho); Em mostrar como Parintins e a Amazônia são maravilhosos (Leo); A partir da toada aprendemos a lição que preservar a Amazônia é dever de todos, ela mostra o dia a dia do caboclo da Amazônia (Marcelo); Eu gosto muito de cantar (Loro).

Podemos observar que os usuários do CRAS se identificam de alguma forma com a toada, em sua grande maioria gostam e compreendem a toada somente pelo ritmo ou



dança. Nesse caso, a toada perde o valor do conteúdo, ou seja, a mensagem, deixando muito claro a fragilidade do conhecimento aprofundado da toada entre a fala dos nossos entrevistados:

É uma forma de expressar seus conhecimentos e suas riquezas (Barby); É um sentimento de alegria porque nela me sinto feliz e me inspiro em entender o significado dela (Patty); É uma mistura de vários instrumentos indígenas (Leia); É um tipo de música indígena (Binho); São dois pra lá dois pra cá (Leo); É uma melodia única, no qual nos caboclos, nos deixamos nos levar pelo seu ritmo (Marcelo); É o amor com a batida o calor da dança com a emoção (Loro).

Os jovens analisam a toada de forma positiva na sua maioria, pois os mesmos se identificam com a toada. Além disso, a toada não deixa dispersa a turma, visto que o CRAS compete diretamente com os ensaios dos currais. Para alguns usuários, falta a toada ser trabalhada mais. Vale ressaltar que os mesmos não especificaram de que forma, como podemos ver:

Porque você gosta de toada? porque faz parte do nosso costume e transmite paz e harmonia para todos os caboclos (Patty); Porque fala dos costumes dos caboclos e os rituais indígenas (Leia); Porque eu adoro conhecer o significado de cada palavra que eu não conheço e a toada mostra (Binho); Porque é contagiante (Leo); Desde pequeno eu gosto de toada, gosto também de cantar, é como conta a nossa história, a história de nossos ancestrais (Marcelo).

Grande parte dos alunos afirmaram em questionário que gostam das toadas porque escutam as mesmas desde pequeno e elas fazem parte dos costumes da cidade, os ritmos são contagiantes, elas são fáceis de cantar, elas retratam a história dos Amazônidas. Somente Barby e Loro não souberam responder.

Como você analisa a Toada no CRAS? Fale sobre isso: Vem na oficina de dança, assim, não precisamos ir para o curral (Barby); Ela é sempre bem vinda no CRAS, não só eu como outros alunos sempre desejamos escutar essa toadas, isso é muito importante (Patty); É uma mistura de dança, onde podemos ter conhecimento de várias danças e ritmos (Leia); Eu analiso que falta trabalhar mais porque toadas no CRAS não são trabalhadas (Binho); A toada é algo muito especial (Leo); É bom sempre ouvir uma toada aqui outra ali (Marcelo); É muito difícil tocar no CRAS (Loro).

Pode-se observar que as toadas selecionadas na preferência dos usuários estão relacionadas em sua grande maioria em: Ritual, lenda e Galera. A toada de figura típica regional que valoriza a cultura cabocla aparece de forma bastante tímida. Isso comprova que as toadas da preferência dos jovens possuem o ritmo mais dançante e suas letras na sua maioria não retrata a realidade cabocla.



Na maioria das vezes esse caboclo “estereotipado” é apresentado de forma sofrida, submissa, verdadeiro sinônimo de atraso, muito distante da vida real Amazônica. Vale ressaltar que nesta época do Festival, os jovens se enfeitam com os adornos dos índios e aceitam ser caboclo, como se caboclo fosse um objeto.

Quanto à concepção sobre o ser caboclo, os usuários entrevistados responderam:

O que é Caboclo para você? É uma mistura de índio e branco (Barby); Pessoas que moram nas margens dos rios (Patty); É uma pessoa que entende sobre nossa cultura, arte e convive com nossa arte, uma pessoa feliz (Leia); É a mistura de cor e raça que conhecemos como miscigenação (Binho); Pessoa que mora no interior (Leo); Pessoa que vive nas margens dos rios e tem também uns urbanos (Marcelo); É a cultura do Amazonas sobre nossas crenças (Loro)

Para os usuários do CRAS, caboclo significa mistura de índio e branco, pessoas que moram nas margens de rios, são pessoas felizes, pessoas que moram no interior. Assim, podemos verificar que o entendimento do ser caboclo na visão dos jovens é algo distante; longe de sua vivência.

Para os jovens usuários do CRAS Paulo Correa, a identificação como ser caboclo encontra-se fragilizada, tendo em vista que na concepção da maioria dos entrevistados, se dizem caboclos por causa da miscigenação, com exceção de Marcelo que afirma que sua família vem de uma linhagem parecida com as dos caboclos e Leo que não se considera caboclo. Assim, podemos notar que a questão da identidade está bastante fragilizada no Centro de referência. O caboclo não é percebido como tipo étnico do Norte, ou seja, o jovem não está se assumindo como caboclo, pois o caboclo aparece de forma bem distante. Comparado com a resposta da pergunta 01 que aborda sua cor ou raça, 10 se reconheceram como pardo e 01 como branca, ou seja, nem um caboclo:

Você se considera caboclo? Sim OU não? Por que? Sim. Porque existe a miscigenação de cores (Barby); Sim. Porque sou parintinense e valorizo minha cultura (Patty); Sim. Por causa dos meus ancestrais (Leia); Sim. Porque em mim envolve a forte miscigenação de cores (Binho); Não. Porque sou uma pessoa com hábitos e costumes diferentes de uma pessoa cabocla (Leo); Sim. Minha família é de uma linhagem parecida com as do caboclo. Portanto somos uma mistura de raças (Marcelo); Sim. Porque como farinha e outras coisas (Loro).

Dessa forma, a identidade cabocla se apresenta de forma deturpada aos usuários e funcionários do CRAS Paulo Corrêa. O legítimo caboclo que é o protagonista amazônico, conhecedor dos meandros da floresta e rios, chega ao formato fragmentado aos



jovens que apesar de gostarem das toadas, se identificarem com os bumbás, serem brincantes de Capricho e Garantido, não se reconhecem como caboclos,

Quanto ao reconhecimento de identidade étnica, todos os entrevistados (funcionários e usuários) se declararam pardos ou brancos. Este fato se confronta com as demais repostas em que os mesmos, ao serem questionados quanto a sua caracterização quanto ao ser caboclo, responderam:

Sim. Eu sou essa miscigenação com muito orgulho (Rose Coordenadora); Não. Porque já fiz pesquisa nos meus antecedentes e não tem ninguém índio, só negro (Aninha Assistente Social); Sim. Faço parte da cultura amazônica, com traços de branco e índio, herdando a cultura dos meus ancestrais (Flor orientadora social); Sim. Além de morar e ter nascido no Amazonas aprecio a cultura e valorizo-a (Rafinha facilitador de oficina de dança).

Com exceção de Aninha, que reconhece ser filho de negros e assina como pardo, todos se consideram caboclos por conta da sua historicidade, mas quando se trata de raça ou etnia todos se consideraram pardos. No caso de Rafinha, ele se considera caboclo, mas quando foi perguntado sobre o conhecimento de algum caboclo o mesmo negou. Dessa forma, o caboclo aparece como discurso dos entrevistados.

Assim, podemos observar que tanto os funcionários como os usuários do Projovem Adolescente estão com suas identidades culturais fragilizadas, não estão se assumindo aos olhos dos outros e nem se aceitando como caboclo. Fato este que pode ser justificado pela forma como este ser étnico está sendo apresentado dentro do maior evento cultural da região. O jeito caboclo de folclorear se apresenta no festival folclórico de várias formas, mas principalmente no item de avaliação da figura típica regional; é nesse momento que os brincantes incorporam o caboclo na arena de forma pejorativa, transfigurados em caricaturas, desenvolvendo um enredo que não condiz com a realidade; um enredo escrito pela comissão de arte dos bois são encenados por crianças, jovens e adultos, muitos desses jovens são usuários do CRAS.

4 CONCLUSÃO

A grande preocupação dessa pesquisa é equacionada pela evidente constatação de que o CRAS reproduz o discurso dos dominantes, pois, desde os primórdios dos tempos, a nossa história vem sendo contada sob o olhar dos forasteiros, é nesse campo que a atuação do Serviço Social se faz necessário, visto que o mesmo é um viabilizador de direitos. Entretanto, o fazer profissional encontra-se



omisso, dessa forma, a conquista de direitos prevista na Constituição “Cidadã” e reafirmada no SUAS com a descentralização, encontra-se distante do universo juvenil caboclo usuário do Centro de Referência de Assistência Social – CRAS Paulo Corrêa.

Portanto, a atuação do profissional do CRAS tem que ser redimensionado com outras ferramentas; não basta somente funcionar as oficinas, ter um espaço físico apropriado, ter uma equipe interdisciplinar, contar com um número expressivo de famílias. No CRAS, o fator de bastante importância nesse processo de transmissão de conhecimento chama-se instrumental. O instrumental deve ser trabalhando de maneira solidificada; para fortalecer a equipe é preciso inserir o usuário na conquista social, ou então estaremos excluindo o mesmo novamente. No caso do CRAS de Paulo Corrêa, o instrumental principal que vem ser a identidade cultural está fragilizado. Nesse caso, é preciso que se faça uma releitura das ações dentro do CRAS e principalmente da equipe técnica de referenciamento, pois são os agentes principais para a construção de uma nova mentalidade e do conceito do que venha ser a verdadeira cidadania dos usuários do SUAS, ou estaremos fadados a ser meros alienígenas pousando numa torre de Babel. Como diz o caboclo: “está na hora de cutucar a onça com a vara curta”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição Federal (1988). Constituição da Republica Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal,2003.

BRASIL. Lei nº 8.742, de 07 de dezembro de 1993. Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS. Coletânea de leis: CRESS 15º Região/AM-RR, Manaus, 2008.

BRASIL. Política Nacional de Assistência Social – PNAS. Brasília, DF: MDS, 2008.

BRASIL. CapacitaSuas. Desafios da Gestão do SUAS nos Municípios e Estados. Vol. 2. 1.Ed. Brasília: MDS,2008.

BRASIL, Ministerio do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; UNESCO. Concepção e gestão da proteção social não contributiva no Brasil. UNESCO, 2009.

YAZBEK, Maria Carmelita. Classes subalternas e assistência social. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

HALL . Stuart. Identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, Ed.,2002.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 2006.